

UBUNTU: UMA FILOSOFIA DE COMPREENSÃO CRÍTICA E EXPOENTE ANCESTRAL PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

Flavio Henrique Rosa¹

RESUMO

A problemática de uma filosofia advinda do continente africano tem elevado o debate conceitual e se tornado um dos maiores modos de expressão da África contemporânea. Tal perspectiva analítica incentiva trazer à luz da intelectualidade uma análise crítica versus a consciência hegemônica ocidental que foi impulsionada para além do objeto cultural tornando-se uma filosofia baseada em teologia dogmática, científica e político-social. Contudo, as epistemologias africanas, sua diversidade étnica, sua oralidade ancestral, seu modo de pensar o ser humano foram desprezadas, estigmatizadas e consideradas nos estudos realizados, como formas exóticas e inferiores. Por mais que as diferentes filosofias existentes sejam singulares e inclusive divergentes, esse artigo propõe analisar em específico a Filosofia *Ubuntu, Ntu*. Através de produções de explicações sistemáticas e respostas sobre esses problemas e fatos, em busca da crítica da razão epistêmica, tal filosofia se desponta como fonte primária para a Educação de Base e crítica. Um expoente para a reestruturação intelectual do continente advindos da inspiração ancestral e modo exegético vividos por esses povos que marcaram a essência histórica da própria humanidade desde épocas remotas. Em detrimento do ideário de modernidade a África inaugura em sua cosmovisão ancestral o termo “Renascença Africana” no século XXI cujo fundamento transcendeu as fronteiras da academia, alterando a linha de pensamento e o caráter das pessoas de ascendência africana em relação a si próprias, sua história e seu futuro. Considerada a filosofia fundamental do povo Bantu, *Ubuntu, Ntu* ultrapassa a ideia de comunitarismo ou coletivismo, imortaliza a compreensão do ser humano no sentido de alteridade que só desenvolve seu potencial por meio das relações com outras pessoas.

Palavras-chave: Filosofia Africana. Ontologia. Ser Humano. Filosofia. *Ubuntu, Ntu*.

¹. Pós-graduando no CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Núcleo de Pesquisa da Universidade de São Paulo, linha de pesquisa: Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais. Doutorando em Direito na Escola Superior Dom Helder Câmara, área de concentração “Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável”, linha de pesquisa: “Democracia, Direitos Humanos e Sustentabilidade”. Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa Licenciamento Ambiental, Desenvolvimento Sustentável e Mudanças Climáticas. Pesquisador integrante do Centro de Estudos Afro-brasileiro Dom Helder Câmara - AFRODOM. Bolsista FAPEMIG. E-mail: henrizbh@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6832-8649>. ID Lattes: 7726574103543332.

ABSTRACT

The problem of a philosophy originating from the African continent has elevated the conceptual debate and become one of the greatest modes of expression in contemporary Africa. Such an analytical perspective encourages bringing to the light of intellectuality a critical analysis versus the Western hegemonic consciousness that was pushed beyond the cultural object, becoming a philosophy based on dogmatic, scientific, and political-social theology. However, African epistemologies, their ethnic diversity, their ancestral orality, and their way of thinking about human beings were despised, stigmatized, and considered in the studies carried out as exotic and inferior forms. Even though the different existing philosophies are unique and even divergent, this article proposes to analyze specifically the Ubuntu philosophy, Ntu. Through the production of systematic explanations and answers about these problems and facts, in search of the critique of epistemic reason, this philosophy emerges as a primary source for basic education and criticism. An exponent for the intellectual restructuring of the continent arising from the ancestral inspiration and exegetical way lived by these people who marked the historical essence of humanity itself since ancient times. To the detriment of the ideas of modernity, Africa inaugurates in its ancestral worldview the term "African Renaissance" in the 21st century, whose foundation transcended the boundaries of academia, altering the line of thought and character of people of African descent concerning themselves, their history, and its future. Considered the fundamental philosophy of the Bantu people, Ubuntu, Ntu goes beyond the idea of communitarian's or collectivism, immortalizing the understanding of human beings in the sense of otherness that only develops their potential through relationships with other people.

Keywords: African Philosophy. Ontology. Human being. Philosophy. Ubuntu, Ntu.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista o impacto da Filosofia Africana Ubuntu na Promoção da Coletividade desde o início do presente milênio, é possível a humanidade contemporânea diante da globalização promover a Compreensão, a Empatia e a Cooperação Internacional entre os povos e culturas.

Em tal hipótese descrita é possível afirmar que os princípios Ubuntu podem ser aplicados em contextos modernos, como na Governança, na Resolução de Conflitos, na Educação de Base e no Desenvolvimento Comunitário?

Com base nessa linha argumentativa, o presente artigo tem por desígnio abordar a aplicabilidade da Filosofia Ancestral Africana Ubuntu na Educação de Base como elemento chave para a compreensão da Dignidade da Pessoa Humana.

A pertinência descrita se faz possível uma vez que a Filosofia Africana em sua cosmovisão Ubuntu é um importante aparelho Internacional que não só reconhece cada indivíduo a sua titularidade dos direitos fundamentais, mas lhes impõem a condição de seres protagonistas de sua própria história.

Tal perspectiva de possibilidades faz da Filosofia Africana em sua cosmovisão Ubuntu um símbolo de resistência para as Futuras Gerações uma vez que promove uma compreensão mais profunda como a importância do Respeito, da Empatia e do Cuidado com os outros e principalmente com o Meio Ambiente.

No entanto, as ideias associadas ao Ubuntu surgiram em pequena escala, em sociedades pastoris no período pré-colonial cujas visões de mundo se baseavam em noções densamente espirituais, como relacionamentos com espíritos já falecidos. Se certos valores tiveram aí a sua origem, então é razoável duvidar que sejam adequados para uma economia moderna, industrializada e em grande escala e que se aplique em uma sociedade cuja pluralidade cultural é presente e muitas das quais são seculares.

Nesse sentido, é imprescindível afirmar que os desafios enfrentados pela Filosofia Ubuntu têm por afinidade analisar através de artigos, revistas e publicações filosóficas se a Filosofia africana Ubuntu exerce seu papel como fundo filosófico no Desenvolvimento Humano e Sustentável do planeta terra.

É perceptível nas análises crítico-científicas, de discursos entre os profissionais, elites, intelectuais e cidadãos instruídos em geral que a imprecisão, o coletivismo e o anacronismo são objeções para a estrutura ético-moral orientada

para o Ubuntu. Seria incoerente sustentar todas as três objeções ao mesmo tempo uma vez que afirmar que o Ubuntu é vago e admite qualquer interpretação, menos ainda afirmar que são inerentemente coletivistas.

Em contraposição à essas ideias, demonstra-se nesse artigo que a Filosofia Ubuntu possui o objetivo de articular uma explicação teórico-normativa afirmando não ser vulnerável a essas três objeções.

Tal filosofia contém em sua originalidade Princípios Éticos que não surgiram apenas dos entendimentos dos povos Bantu de forma anacrônica onde sua práxis não seja possível seu uso na modernidade.

Pelo contrário, a teoria moral baseada no Ubuntu explicita com clareza a importância da Liberdade Individual e das normativas prático-sociais como ferramentas ideais para lidar com os problemas atuais África do Sul, bem como de outras sociedades Transcontinentais. Uma promessa promissora de fundamentos para os Direitos Humanos.

2 UBUNTU AFRO-AUSTRAL: ANCESTRALIDADE E RAIZ, VALORES E FUNDAMENTOS

O Ubuntu constitui uma conduta moral humana ou uma *Philos - Sophia* Ética? Tal pergunta interpela a comunidade acadêmica à busca por respostas e ao diálogo para a compreensão dos fundamentos filosóficos contemporâneos uma vez que em termos semânticos a evolução histórica associada ao conceito de Ubuntu.

A identificação e análise das suas características, dos Princípios primaciais como filosofia ético-moral, identificam pontos de convergência e divergência com a ética Ocidental e revela uma possível contribuição para um novo pensamento de universalidade dos Direitos Humanos.

Sendo assim, caracteriza e analisa Ubuntu enquanto conjunto organizado de Princípios e Normas cuja ética e a moral reformulam a construção histórica e teórico-conceitual africana após as chamadas transições político-econômicas dos anos 1990, com especial atenção para o seu renascimento filosófico social na educação de base da população.

Em seu contexto epistemológico, destaca Ramose (1999) que o Ubuntu foi desenvolvido por *Hermes Trismegistus* do antigo *Kemet*, no ano de 1049 a.C. Hoje, a palavra equivalente bem conhecida para o Ubuntu na língua antiga egípcia é chamada de '*Maat*'. O termo '*Ubuntu*', *Bu + Ntu = Buntu*, se escreve '*u-Buntu*'.

A filosofia Ubuntu é composta por cinco seções principais da seguinte forma: o Credo, o Corpo de tradições pelas quais as comunidades se definem, os Costumes, as Leis e outras práticas legais, as Constituições e os Princípios do Ubuntu. Nesse sentido:

Ubuntu é um gerundivo abstrato que exprime a filosofia praticada pelos povos da África falantes do Bantu. Ele compartilha o caráter de gerundivo, isto é, a ideia de tornar-se, Ser e ser como manifestações do movimento como princípio do Ser com os verbos egípcios antigos, *wnn (unen)* “existir”, *d (djed)* “ser estável”, “durável” e *hpr (kheper)* “tornar-se”. Como os antigos verbos egípcios referidos, a concepção filosófica Ubuntu do mundo é que “Coisas não tem a fixidez e inflexibilidade que acreditamos que elas tenham. As coisas são mutáveis e em movimento na Terra, no céu, em baixo d’água etc. A Terra e o céu, eles mesmos se movem”. (RAMOSE, 1999, p. 50-53).

A filosofia do Ntu não se fundamenta em nenhum “-lsmo”, Sistema ou Dogma Totalitário ou fechado. Um dos primeiros princípios da ética Ubuntu é a libertação do dogmatismo. É flexibilidade orientada para o equilíbrio e para a harmonia no relacionamento entre seres humanos, e entre os últimos e o mais abrangente ser-sendo ou natureza. (RAMOSE, 2011, p. 4).

Houtondji (1996) é enfático ao descrever que a filosofia africana ancestral revela que conectividade se explica a partir do Princípio de Participação Cósmica ou Solidariedade Participativa. Tudo o que existe está em conexão e deve conviver harmoniosamente porque tem a origem comum. A categorial fundamental ontológica e epistemológica do pensamento africano, a categoria ética normativa.

Inicialmente, Ubuntu foi traduzido como “qualidade humana” ou “humanidade para com os outros”. Isto deve-se ao fato de a tradução derivar da raiz das línguas usualmente classificadas na família de línguas Bantu, que atribuem “ntu” a plural, por vezes também a “nós”, por vezes a “ser/sermos”, enquanto o prefixo “Ba” serviria para povo, sendo que as línguas classificadas na família linguística Bantu são aquelas que utilizam a palavra Bantu para designar nós, ou o povo, ou por vezes humanidade no seu todo, povos.

Deste modo, o prefixo “Ubu” nas línguas da família Bantu seria o ente antes de se manifestar na forma concreta, que com “Ntu” que significa parte essencial de tudo que existe, força vital do universo que sempre ocorre ligada à sua manifestação em alguma coisa existente ou modo de ser no processo de descobrimento contínuo, formam o termo Ubuntu. (RAMOSE, 1999, 2002; CUNHA, 2010; KAGAMÉ, 1976; GENI, 2015; SILVERSTEIN, 1968).

O Ubuntu é o conceito transversal que perpassa a visão do sujeito sobre o mundo. É um ser através do outro, a consciência de pertença e algo maior, desligar de ser egóico para ver o outro no mundo com um Eu transcendente em caráter de alteridade, de comunidade para além do conceito de humanidade. A emergência para uma filosofia comunitária². A Cosmovisão e materialidade do ser, entretanto:

Ubuntu é uma palavra Zulu, cujo significado dificilmente seria perfeitamente compreendido por nós. Ele deve vir da leitura de toda a expressão que lhe dá origem: "*ubuntu ngumuntu ngabantu, motho ke motho lo batho ba bangwe*". Um ser humano é um ser humano por causa dos outros seres humanos. A expressão mais simples, "*umuntu ngumuntu ngabantu*", tem tradução direta: "uma pessoa é uma pessoa por, ou através, de outras pessoas". (JUNIOR, 2010, p. 81-91).

Considerada a filosofia fundamental do povo banto na África do Sul, ela ultrapassa a ideia de comunitarismo ou coletivismo. Ubuntu é um princípio constitucional ativo e central, imortaliza a compreensão do ser humano como um ser social, cuja finalidade da existência não reside em compromissos individuais.

Mas sim na capacidade de se projetar como alguém que só desenvolve seu potencial por meio das relações com outras pessoas. Mas é preciso restaurar esses valores e ideais, mas isso não significa que tal restauração será feita acriticamente³. O Ubuntu, portanto, renasceu sem seus excessos, Ele foi polido. Assim:

O Ubuntu é materializado em ações éticas e, mais especificamente, no aperfeiçoamento da justiça entre indivíduos em conflito, diz O Ubuntu é trazido, em verdade, para tocar a definição de responsabilidade judicial. A fundamentalidade do Ubuntu no constitucionalismo da África do Sul é tamanha que a Corte Constitucional, por meio do juiz *Sandile Ngcobo*, reconheceu a importância da filosofia não só para as decisões judiciais, mas como meta a ser perseguida pelas políticas públicas. Noções de justiça, equidade e razoabilidade não podem vir separadas da política pública. Política pública leva em consideração a necessidade de promover uma justiça simples entre os indivíduos. Ela é formada pelo conceito de Ubuntu. São muitos os temas decididos, pela Corte Constitucional, à luz do Ubuntu: justiça restaurativa, pena de morte, horizontalização dos direitos fundamentais, anistia e reconciliação, direitos socioeconômicos e de personalidade, intitamentos, direito costumeiro e direito à cultura. (JUNIOR, 2010, p. 81-91).

². Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/afrika-do-sul-connection/227170/afrika-do-sul-connection-n--40>. Acesso em: 07 jan. 2024.

³. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/afrika-do-sul-connection/227170/afrika-do-sul-connection-n--40>. Acesso em: 07 jan. 2024.

A Filosofia Africana Ubuntu-Ntu é considerada como campo fértil para um futuro alternativo possível em seus conceitos é muito mais profundo do que os significados a si associados ao longo da história, pois, na verdade, com o passar dos anos, se foram descobrindo as diferentes dimensões da visão conceitual Ubuntu.

O Ubuntu é o conceito transversal que perpassa a visão do sujeito sobre o mundo. É um ser através do outro, a consciência de pertença e algo maior, desligar de ser egóico para ver o outro no mundo com um Eu transcendente em caráter de alteridade, de comunidade para além do conceito de humanidade. A emergência para uma filosofia comunitária⁴.

A Cosmovisão e materialidade do ser, sim na capacidade de se projetar como alguém que só desenvolve seu potencial por meio das relações com outras pessoas. Uma nova estrutura filosófica cuja cosmovisão é a horizontalização dos Direitos Fundamentais, anistia e reconciliação, direitos socioeconômicos e de personalidade, intitamentos, direito costumeiro e direito à cultura.

Mas é preciso restaurar esses valores e ideais, mas isso não significa que tal restauração será feita por anacronia, mas sim por projetos contemporâneos cujos valores ancestrais produzirão fontes valiosas para o futuro . O Ubuntu-Ntu, portanto, renasceu sem seus excessos. Uma insinuação é a de que o Ubuntu não é específico o suficiente para ser usado como pilar de uma Constituição moderna que dá forma ao significado de dignidade.

Também se diz que o Ubuntu, em suas origens, por estar associado à vida tribal e a uma profunda religiosidade, tem características destoantes dos propósitos de uma democracia constitucional moderna. Mas é na verdade uma nova estrutura filosófica cuja cosmovisão é a horizontalização dos Direitos Fundamentais, tais como amoldar valores fundamentais e princípios éticos para uma visão mais humanitária e interconectada do mundo.

Propor recomendações e estratégias para incorporar os ensinamentos do Ubuntu-Ntu em políticas públicas, educação e práticas comunitárias visando a construção de um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Destacar a importância da compreensão e respeito pela diversidade cultural e étnica de cuidado mútuo e solidariedade, incentivando a empatia e a

⁴. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/africa-do-sul-connection/227170/africa-do-sul-connection-n--40>. Acesso em: 07 jan. 2024.

responsabilidade pelos outros, independentemente de suas diferenças baseados na distribuição equitativa de recursos e no respeito pelos direitos humanos.

Fortalecer os laços de comunidade e promover um sentido de pertencimento e identidade compartilhada, bem como oferecer um paradigma ético e moral relevante para o mundo contemporâneo contribuindo para o bem-estar emocional e psicológico das pessoas. Destacar a importância do cuidado com o meio ambiente, da mediação de conflitos e do apoio às comunidades afetadas pela injustiça ambiental.

Portanto, a filosofia africana Ubuntu-Ntu oferece uma perspectiva singular através do Princípio do ético baseado na noção de Humanidade Compartilhada cujas interpretações podem ser profundas e abrangentes tais como a Interdependência Humana, fenômenos como conflitos étnicos, desigualdades sociais e problemas de saúde mental podem ser vistos como sintomas de uma desconexão ou ruptura na comunidade.

Assim, acontecimentos como a migração, a globalização e o multiculturalismo, a pobreza, discriminação e exclusão podem ser interpretados como violações dos princípios Ubuntu-Ntu de respeito mútuo e cuidado comunitário. As soluções propostas a partir dessa interpretação podem envolver a redistribuição de recursos, o fortalecimento da participação comunitária e a promoção de políticas inclusivas.

3 A GRANDE IMPORTÂNCIA DAS CONEXÕES NA FILOSOFIA UBUNTU PARA ALÉM DE UMA HUMANIDADE UNIVERSAL

A Filosofia Ubuntu se manifesta para além de uma humanidade universal enquanto conjunto organizado de princípios e normas ético-morais. Noutras palavras, quanto à sua caracterização, identificam-se e analisam-se os princípios e as normas de orientação e integram Ubuntu produzindo ontologia. Nessa adequação, com a percepção das principais tendências em termos semânticos no processo da evolução histórica associada ao conceito de Ubuntu se poderá compreender os seus fundamentos filosóficos.

Destaca Metz (2011, p. 540) que há uma Razão Moral Ontológica Universal existente que tem produzido três objeções públicas orientadas para o Ubuntu. A produção de uma moralidade crítica relativa à imprecisão, ao coletivismo e ao anacronismo transporta para o diálogo contemporâneo filosófico a principal

função exegética da Filosofia Ubuntu que é podar o monolítico e homogêneo em nome da diversidade, da multiplicidade e da heterogeneidade.

Nessa perspectiva, Metz (2011, p. 532) descreve que os autodenominados adeptos do Ubuntu pouco fizeram para dissipar a crítica comum à tal Filosofia que é o seu aparente coletivismo e orientação. Isto é, a Filosofia Ubuntu demonstra ser incompatível com o valor da liberdade individual universal uma vez que em diversas fases de sua própria existência têm demonstrado algum tipo de pensamento de grupo, majoritaríssimo intransigente ou sacrifício extremo por sociedade.

Tal percepção factível é incompatível com o valor da liberdade individual que está entre os ideais mais promissores da tradição liberal. Aqui novamente, os autodenominados adeptos do Ubuntu pouco fizeram para dissipar tal desrespeito (METZ 2011, p. 532-559)⁵.

Sendo assim, historiar, contextualizar e pluralizar produzem o conceito de Agenciamento, ou seja, agentes da sua própria história. Portanto, seria incoerente sustentar mesmo assim as três objeções acima uma vez que projetam características de discurso e, portanto, não é de grande valia ou agrupamento dessas razões filosóficas. Desse modo:

Um outro motivo de ceticismo sobre a relevância do Ubuntu para o público moralidade é que é inapropriado para a nova África do Sul devido à sua origem tradicional. As ideias associadas ao Ubuntu surgiram em pequena escala, sociedades pastoris da era pré-colonial cujas visões de mundo se baseavam em noções densamente espirituais, como relacionamentos com ancestrais (mortos-vivos). Se certos valores tiveram aí a sua origem, então é razoável duvidar que sejam adequados para uma economia moderna, industrializada e em grande escala. sociedade com uma pluralidade de culturas, muitas das quais são seculares. (METZ 2011, p. 532-559)⁶.

⁵. A common criticism of Ubuntu is its apparent collectivist orientation, with many suspecting that it requires some kind of groupthink, uncompromising majoritarianism or extreme sacrifice for society, which is incompatible with the value of individual freedom that is among the most promising ideals in the liberal tradition. Here, again, self-described adherents to ubuntu have done little to dispel such concerns, for example, an author of an important account of how to apply Ubuntu to public policy remarks that it entails 'the supreme value of society, the primary importance of social or communal interests, obligations, and duties over and above the rights of the individual. (TLA, Tradução Livre do Autor).

⁶. Another ground of scepticism about the relevance of Ubuntu for public morality is that it is inappropriate for the new South Africa because of its traditional origin. Ideas associated with Ubuntu grew out of small-scale, pastoral societies in the pre-colonial era whose world views were based on thickly spiritual notions such as relationships with ancestors (the 'living-dead'). If certain values had their source there, then it is reasonable to doubt that they are fit for a large-scale, industrialized, modern society with a plurality of cultures, many of which are secular. (TLA, Tradução Livre do Autor).

Ao analisar as ideias descritas, Metz (2011, p. 540) invoca-nos ao diálogo filosófico Ubuntu ao citar o princípio *umuntu ngumuntu ngabantu* que frequentemente se traduz como “uma pessoa é uma pessoa através das outras pessoas” ao dizer que “envolve mais plantar sementes do que colher plantas”.

Nessa perspectiva o autor intitula seu argumento como provocativo ao direcionar seu discurso às entidades de classes Privadas e Públicas no intuito de todos na sociedade ajudar a melhorar a educação com contribuições coordenadas para o Crescimento Humano como a construção de salas que sirvam como bibliotecas escolares, centros de aprimoramentos de estudos e práticas de Humanização e Autonomia Moral Cívica Ancestral.

Sendo assim, destaca Ogbogbo (2017, p. 11-18) que as recomendações acima baseiam-se no pressuposto que existem cursos em outras disciplinas e que há materiais suficientes e literatura para promover novos cursos sobre Filosofia Africana.

Embora seja verdade que o número de cursos relevantes em outros departamentos aumentou ao longo dos anos, o mesmo não acontece com a segunda premissa; a literatura sobre a história das ideias africanas permanece em grande parte inadequada. O problema da literatura adequada sobre a filosofia africana foi identificado considerado um grande problema da disciplina.

Para enfrentar e resolver este persistente problema, portanto, uma abordagem multidisciplinar para o estudo da África devem ser cada vez mais adotados, com o objetivo de fornecer os materiais necessários para a educação de base e formação disciplinar ante os mestres e professores.

Isso pode ser feito nos níveis de pós-graduação, onde a tese ou dissertação de um aluno pode ser estruturada de tal forma que abrange as disciplinas da história e filosofia africanas. Isso significará a supervisão de tal aluno por especialistas de ambas as áreas, mas isso eventualmente produzem estudantes que compreendem a situação africana, são sensíveis aos desafios contemporâneos da experiência africana e são capazes de produzir ideias para resolver esses desafios. (OGBOGBO 2017, p. 11-18).

Além disso, tem de haver um aumento de seminários, workshops e conferências dirigidas a uma problemática específica da filosofia africana. Os participantes precisarão ser oriundos de diversas disciplinas que podem contribuir para encontrar soluções para a problemática. Os trabalhos apresentados podem em

seguida, formam as bases para livros didáticos e artigos de periódicos em áreas de especialização que precisam urgentemente de literatura. (OGBOGBO 2017, p. 11-18).

A questão relevante é menos: Como a Filosofia Ubuntu era entendida no passado e como deveríamos entender tal Filosofia na contemporaneidade?

A questão relevante é menos: Como a Filosofia Ubuntu-Ntu era entendida no passado e como deveríamos entender tal Filosofia na contemporaneidade? Por que tal paradoxo evidencia ao ponto que comunidade filosófica resista ao reconhecimento das especificidades do Ensino da Filosofia Ubuntu-Ntu como área de pesquisa e progenitora para as futuras gerações?

Nesse sentido, essa pesquisa debruçou-se sobre o tema como área de pesquisa, realizando e publicizando uma série de investigações sobre a sua constituição e a consolidação do campo do Ensino de Filosofia. Não obstante os debates propostos pela supramencionada aporia ontológica e as inúmeras iniciativas provocaram na comunidade Filosófica Contemporânea uma série de questionamentos e manifestações os quais podem ser resumidos na pergunta que dá título ao presente diálogo.

A fim de contextualizar observa-se que historicamente as pesquisas sobre a Filosofia Ubuntu-Ntu foram acolhidas por programas de pós-graduação (PPGs) em Educação, desenvolvidas e orientadas por filósofos de formação que não encontraram “lugar institucional” nos departamentos e programas de pós-graduação em Filosofia.

De fato, pesquisadores estudiosos do campo, enquanto a Filosofia da Educação a grosso modo, se dedicaram à discussão filosófica sobre os problemas educacionais mais amplos, isto é, aos fundamentos filosóficos da educação, as questões relacionadas ao ensino da Filosofia exigem tratamentos particularizados no que se refere ao ensino propriamente dito e também à formação e à prática docente do(a) professor(a) de filosofia.

O Primeiro ponto é reconhecer que não há uma juventude, mas juventudes, com muitas características, condições, anseios diferentes. Essa diversidade entre os diferentes segmentos das juventudes é fundamental para a construção não de uma política, mas políticas que digam e que sejam significativas para essas várias juventudes.

O segundo ponto é que o ensino médio e de base tem de se tornar relevante para o estudante não na perspectiva de proporcionar acesso à educação superior e a um bom emprego. Tem de ser relevante para que o estudante se torne relevante, que ele se encontre, que tenha compreensão mais completa da sua origem e possibilidades, inclusive participação na sociedade, no exercício do poder, condições e direitos ainda desiguais no planeta.

Em contraposição, é necessário ter significado e relevância, e exatamente quando se aprofunda em conhecimentos de filosofia e sociologia, o aprendiz mergulha nas origens tanto do pensamento, das forças sociais, culturais, políticas, voltando-se também à contextualização das informações do conhecimento e das atitudes em relação à vida.

A metodologia que aborda a aprendizagem cooperativa tem por objetivo promover a busca por trabalhos em grupos, compartilhando conhecimentos e colaborando para alcançar objetivos comuns. tal perspectiva analítica fortalece vínculos sociais, estimula a solidariedade e promove a valorização das habilidades de cada indivíduo dentro do grupo.

Como proposta, a educação inclusiva tem por função analítica a garantia da participação de todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, fornecendo suporte e adaptações para atender às necessidades individuais.

A valorização da oralidade mantém viva a tradição oral africana, enfatizando a importância da comunicação como forma de transmitir conhecimentos. Por fim, a aprendizagem contextualizada propõe que os conteúdos sejam apresentados de forma relacionada à realidade dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo e aplicável no seu cotidiano.

Implementar a filosofia africana ubuntu na educação de base enfrenta alguns desafios. Estes desafios incluem a resistência à mudança, a falta de recursos e a formação de professores. A introdução de uma nova abordagem pedagógica baseada no ubuntu implica em uma alteração nos métodos tradicionais de ensino, o que pode gerar resistência por parte dos educadores e gestores escolares habituados a práticas mais tradicionais.

Além disso, a implementação do ubuntu requer recursos materiais e financeiros, tais como materiais didáticos e infraestrutura adequada, o que nem sempre está disponível nas escolas. Por fim, é necessário que os professores sejam

devidamente capacitados e formados para compreender e aplicar efetivamente os princípios e metodologias do ubuntu em suas práticas educacionais.

A filosofia africana ubuntu possui um impacto significativo na formação dos estudantes, uma vez que promove uma visão mais humana e comunitária da educação. Ao incorporar os princípios do ubuntu, como solidariedade, respeito à diversidade, comunidade e colaboração, e responsabilidade social, os estudantes são incentivados a desenvolver habilidades sociais essenciais para uma convivência harmoniosa e construtiva.

Essas habilidades incluem empatia, comunicação eficaz, trabalho em equipe e resolução de conflitos, proporcionando aos estudantes uma base sólida para se relacionar de forma respeitosa e colaborativa com os outros. Contudo, para a aplicação e práticas da Filosofia Ubuntu na educação de base, seminários e formação escolares para despertar ao pensamento crítico argumentos necessários e descritivos dentre conceitos semânticos basilares para o entendimento e a sua aplicabilidade, são necessários esforços interdisciplinares tanto da sociologia quanto da filosofia.

Uma visão para além da Ética e dos Costumes que objetiva não somente introduzir uma linha de pensamento, mas alternando percursos geracionais para uma linha tênue horizontal de seres interligados entre si.

No entanto, Ubuntu considera de certo fato todo o ser humano, incluindo o estrangeiro, como Pessoas Humanas que devem buscar ser e cultivar permanente e eternamente um estilo de vida Ubu-Ntu, mas respeitando as culturas alheias e as características acidentais de cada ser humano individualmente. (METZ 2011, p. 532-559).

Nesse interim, a comunidade é, na Filosofia Ubuntu, para além do mencionado “objetivo padrão” que deve guiar o que a maioria quer. Para uma melhor compreensão, tal comunidade como objetivo padrão é a Comunidade Global articulada com suas peculiaridades e particularidades de modernidade e partilha, enquanto para Ubuntu seria humanidade entre Pessoas dentro da Comunidade.

Com base nessa linha de raciocínio, Mogobe Ramose (2023, p. 25) descreve que se pode perceber claramente que Ubuntu satisfaz os preceitos de uma conduta moral humana e *Philos Sophia* ética. Contudo traz em sua origem uma ética filosófica de princípios específicos subjacentes ao comportamento particular e uma justificação desses princípios.

A ética entendida dessa maneira possui duas interpretações. Uma tem por foco o comportamento moral humano na forma como se manifesta na prática. A outra por meio de contraste e comparação de diferentes comportamentos morais, fornece de forma científica uma explicação para a conduta moral humana.

Sendo assim, torna-se afirmativo a descritiva de que todo o Homem possui um senso ético, uma espécie de consciência moral, estando constantemente a avaliar e a julgar as suas ações para saber se são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição Ancestral do continente africano para a História da Civilização tem cultivado para a intelectualidade contemporânea um novo expoente ontológico com precedentes fenomenológicos cuja afirmativa é de que as antigas civilizações africanas possuíram e detêm a hermenêutica filosófica.

Nesse diapasão, foram feitas referências importantes aos pontos altos da civilização africana nas áreas de ciência, língua, religião, cultura etc. Elucida-se nesse sentido, a evidência de introduzir na educação popular a inclusão de novos currículos escolares da história dos povos africanos e da Diáspora.

Interpela também atrair a epistemologia racional do estado de pertencimento dos povos africanos como integrantes ativos da civilização e expoentes culturais da intelectualidade moderna.

Aporia de existência na Filosofia contemporânea, o Ubuntu-Ntu é considerado um dos fundamentos filosóficos cuja metodologia se consolida sobre a perspectiva ontológica, epistemológica e ética. Mas em sua realidade possui proposta relevante na dimensão político-social com referências à sua origem nos movimentos de libertação africana, nos quais propõe a transformação social através da justiça e da solidariedade entre os membros da comunidade humana.

Portanto, descrever a história da filosofia africana a partir da modernidade, tendo a África como o outro da Europa produz-se uma referência paradigmática cuja fenomenologia mundial da existência humana se estende para além dos moldes de civilização.

Nesse sentido, a instauração da Filosofia Africana Ubuntu-Ntu como disciplina acadêmica no século XXI tem por objetivo produzir uma nova estrutura filosófica cuja cosmovisão é a horizontalização dos Direitos Fundamentais, a anistia

e reconciliação dos direitos socioeconômicos e de personalidade, os intitamentos, o direito costumeiro e o direito à cultura.

Em seu significado de Dignidade e Princípios, se diz que o Ubuntu-Ntu se resume em “*umuntu ngumuntu ngabantu*” que frequentemente se traduz como “uma pessoa é uma pessoa através das outras pessoas” ao dizer que “envolve mais plantar sementes do que colher plantas”.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi. **The Egyptian philosophers: ancient African voices from Imhotep to Akhenaten**. Illinois: African American Images, 2000.

BERISTAIN, Carlos Martín. El papel de la memoria colectiva en la reconstrucción de sociedades fracturadas por la violencia. **Guerra y Desarrollo: la re-construcción postconflicto**, Bilbao: Unesco Etxea, p. 100-110, 2002.

BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afrosiatic Roots of Classical Civilization**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2003.

BERNASCONI, Robert. “Etnicidade, cultura e filosofia”. **Compendio de Filosofia**. Trad. Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: Loyola, 2002. p. 611-625.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana: Em busca da Intersubjectivação**. Maputo: Ndjira editora, 2010.

COOPER, Frederick. “Condições análogas à escravidão: imperialismo e ideologia da mão-de-obra livre na África”. In: **Além da escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COOPER, Frederick. “**Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África**”. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n.27, p. 21-73, 2008.

DIOP, Cheikh Anta. **Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?** Paris: Présence africaine, 1967.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture**, t. I, Paris: Présence africaine, 1954.

DIOP, Cheikh Anta. **Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines**, Paris: IFAN/NEA, 1977.

DIOP, Cheik Anta. **A origem dos antigos egípcios**. In: MOKHTAR, G. (Org). *História Geral da África: África antiga*. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011.

FILIFE, Ângela Marques. **O processo de reconciliação na África do Sul**. CIARI– Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais, s/d. v. 20, 2004.

FINCH, Charles S. A Afrocentricidade e Seus Críticos. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 167-177.

HOUTONDJI, J. Paulin. **African Philosophy: Myth and Reality**. EUA: Indiana University Press, 2. ed. 1996.

JUNIOR, Henrique Cunha. **Ntu**. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 9, p. 81-91, 2010.

KAVWAHIREHI, Kasereka. **Encyclopedia of African Religions and Philosophy**. Springer, 2021.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana e currículo: aproximações**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012.

MADEIRA, Allen. Filosofia Moral Transcultural: Reflexões sobre Thaddeus Metz: “Rumo a uma Teoria Moral Africana”. **Revista Sul-Africana de Filosofia**, v. 4, p. 336-346, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice et al. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo; Martins Fontes, 1999. Tradução o Carlos Alberto Ribeiro de Moura, v. 2. 662 p.

METZ, Tadeu. Ubuntu como teoria moral e direitos humanos na África do Sul. **Revista Africana de Direito dos Direitos Humanos**, v. 2, pág. 532-559, 2011.

METZ, Tadeu. Ubuntu como teoria moral: resposta a quatro críticos. **South African Journal of Philosophy = Suid-Afrikaanse Tydskrif vir Wysbegeerte**, v. 4, p. 369-387, 2007.

METZ, Tadeu. Apenas o começo para o Ubuntu: Resposta a Matolino e Kwindigwi. **Revista Sul-Africana de Filosofia**, v. 1, pág. 65-72, 2014.

MONGE, Fabiano Bitencourt. **POR UM ENSINO MENOR DE FILOSOFIA: contra o modelo hegemônico da originalidade grega**. Dissertação de Mestrado Profissional em Filosofia. Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, 2020.

MUDIMBE, V. Y. **A Invenção de África: Gnose, Filosofia e a ordem do Conhecimento. Portugal**: Edições Pedagogo e Mulemba, 2013. “African Philosophy Incipit”. In: MUDIMBE, Valentin Y.

MURITHI, Timothy. **Practical peacemaking wisdom from Africa: Reflections on Ubuntu**. The journal of Pan African studies, v. 1, n. 4, p. 25-34, 2006.

NGOENHA E. Severino et CASTIANO, P. José. **Pensamento Engajado: Filosofia Africana, Educação e Cultura Política**. Maputo: Editora Escolar, 2011.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Selo Negro, 2013.

NOGUERA, Renato. **O tabu da filosofia**. In: Filosofia. São Paulo. V. 1, p. 45, 2014.

OBENGA, Theophile. **La Philosophie africaine de la période pharaonique – 2780-330 avant notre ère**, Paris, Harmattan, 1990.

OBENGA, Theophilo. **Egypt: Ancient History of African Philosophy**. In: KWASI, Wiredu (ed.). **A Companion to African Philosophy**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004.

OGBOGBO, C. B. N. Revisiting the terms of African philosophy. **Themes, issues, and problems in African philosophy**, p. 11-18, 2017.

OMOREGBE, Joseph. African Philosophy: yesterday and today In Eze, Emmanuel Chukwudi (ed.). **African Philosophy: an anthology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

RAMOSE, Mogobe. **African philosophy through Ubuntu Harare**: Mond Books Publishers, 1999.

RAMOSE, Mogobe. **Sobre a legitimidade e estudo da filosofia africana**. In: Volume IV - outubro/2011, pp. 9-25. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf. Acesso em 17 dez. 2023.

SZTUTMAN, Renato; MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. Sobre Lévi-Strauss e Filosofias Indígenas – **Entrevista Com Renato Sztutman, Ponto Urbe [online]**. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/275>. Acesso em: 29 dez. 2023.